

REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS NOS TRAJES DE QUADRILHAS JUNINAS

INDIGENOUS REPRESENTATIONS IN THE COSTUMES OF JUNINAS GANGS

Bessa, Ricardo André Santana; Mestre; Universidade de Fortaleza e Centro Universitário Estácio de Sá,
ricardoandrebessa@gmail.com¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivos analisar as representações indígenas em quadrilhas juninas que possuem esses elementos em suas apresentações, descrever o trabalho dos figurinistas e registrar os trabalhos mais significantes em trajes de quadrilhas com temática indígena.

Palavras-chave: Representações indígenas 1; trajes 2; quadrilhas juninas 3.

Abstract: This study aims to analyze the indigenous representations in June gangs that have these elements in their presentations, describe the work of costume designers and record the most significant works in gang costumes with indigenous theme.


Keywords: Indigenous representations 1; costumes 2; June gangs 3.

Introdução

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de doutorado sobre trajes de quadrilhas juninas desenvolvida desde 2020.

As quadrilhas chegaram ao Brasil com a corte portuguesa, tornando-se um dos símbolos da cultura brasileira e parte das tradições folclóricas nordestinas. São um patrimônio cultural e imaterial dos brasileiros, frutos de nosso tempo, pois acompanham uma tendência que modificou as manifestações tradicionais, mas que também ressignificaram as atuais, sendo os trajes os elementos visuais que mais chamam atenção numa apresentação.

¹Mestre em Moda, Cultura e Arte pelo Centro Universitário SENAC São Paulo. Especialista em Escrita Literária pelo Centro Universitário Farias Brito. Bacharel em Estilismo e Moda pela Universidade Federal do Ceará. Professor dos cursos Tecnológicos em Design de Moda da Universidade de Fortaleza e do Centro Universitário Estácio de Sá.



A composição dos trajes atuais caminha para a mudança de seus elementos originais simplórios e para a construção de trajes luxuosos influenciados por uma tradição mutante que muda todos os anos de acordo com a temática adotada por uma quadrilha.


O presente trabalho busca analisar as representações indígenas em quadrilhas juninas que possuem esses elementos em suas apresentações, descrever o trabalho dos figurinistas e registrar os mais significantes em trajes de quadrilhas com temática indígena.

Segundo Benedito Preziosi os santos comemorados em junho trazem marcas não só das culturas ibéricas, como também apresentam traços dos povos tupis, com os quais os portugueses conviveram por muito tempo e incorporaram hábitos e modos. Dessa forma, as festas juninas continuam sendo as mais indígenas das festas populares e precisam ser mais bem conhecidas e valorizadas.

Ao estudarmos os trajes de quadrilhas podemos refletir sobre como a arte transporta elementos como beleza e imitação à cultura junina, que são um reflexo da cultura produzida nas quadrilhas nas últimas décadas. Cultura junina é um termo amplo e complexo, assim como a cultura brasileira, que para Alfredo Bosi são culturas brasileiras devido a diversidade da nossa cultura, e que também podemos afirmar: são culturas juninas diversas pelas diferentes características entre os estados, incluindo diferenças nos trajes. A cultura junina está atrelada aos padrões e contextos como a própria cultura e tradicionalidade que tem suas diferenças. A festa do interior, “que era no campo”, agora acontece em quadras de escolas, ginásios, escolas e ruas, nas periferias lembrado por Luciana Chianca.

Devemos considerar ao buscarmos elementos indígenas nas quadrilhas juninas que esses se modificam entre as quadrilhas e nas regiões onde elas acontecem, que geram discussões sobre cultura e tradicionalidades dos povos indígenas e como elas são interpretadas nas apresentações juninas e representadas através dos trajes.

A quadrilha contemporânea nasceu a partir de cultura híbrida entre o sagrado e o profano, rompe com a tradição dos estudos folclóricos, se pensarmos nos trajes nesse sentido



dentro da cultura junina e que sempre provoca discussões sobre descaracterização e tradição. Renato Ortiz conclui que a tradição nunca é mantida integralmente.

Quadrilhas juninas


De origem nobre e palaciana, a dança de quadrilha tornou-se um patrimônio cultural e imaterial dos brasileiros, tornando-se parte das tradições folclóricas nordestinas, que levantam uma discussão entre a tradição e a modernidade. Barroso contextualiza:

De fato, se em suas origens europeias a quadrilha esteve ligada à nobreza, quando vinda ao Brasil, popularizou-se e adaptou-se ao cenário predominantemente rural do período colonial. Hoje, já devidamente “urbanizada”, modernizou-se e agregou novos valores, atualizou seus traços considerados antigos e vive permanentemente o conflito entre o moderno estilizado e o tradicional (BARROSO, 2015, p. 44)

A quadrilha nasceu a partir de cultura híbrida entre o sagrado e o profano e tem se reinventado na era da globalização, deixando de ser uma dança de uma festa do interior, tornando-se uma comemoração cidadina, urbana, mediada pelas tecnologias digitais, introduzindo ritmos antes não usados, que modificam-se constantemente mesmo com suas raízes tradicionais. As quadrilhas tradicionais, antigamente chamadas de caipira, matuta ou sertaneja, evoluíram para as quadrilhas estilizadas, com coreografias próprias, que contam uma história a partir de um tema. E assim, os elementos antes tradicionais, foram se modificando, sendo os trajes os que são mais apreciados numa apresentação e que deixaram de ser simplórios, passando a serem criados por profissionais a partir das temáticas das quadrilhas.

A partir da década de 1980, com o surgimento dos festivais competitivos de quadrilhas nas periferias das capitais, iniciou-se a espetacularização das apresentações, onde a principal personagem da quadrilha passa a ser a rainha e não mais o casal de noivos. Vemos uma liberdade significativa nas festas juninas pois literalmente tudo é permitido, apesar do debate que gira em torno dos temas apresentados nas quadrilhas.

A quadrilha junina não é somente uma manifestação da cultura brasileira. Essa ação está repleta de aspectos tradicionais, rituais, bem como posicionamentos religiosos e



políticos. Existe uma continuidade da tradição articulada pelos sujeitos que fazem essa festa, recriando a cada década performances na cultura junina (Zaratim, 2014).


A quadrilha que se materializa em dança, em música, em teatro e em visualidades expressas por meio dos elementos gestuais, sonoros, teatrais e visuais apresentados em cena, de forma única mesmo que repetidas vezes, a quadrilha junina contemporânea é também um ato político e um ato pedagógico apresentada entre 25 e 35 minutos, de acordo com regulamentos estabelecidos nos festivais.

Referências indígenas nas festas juninas

As festas juninas continuam sendo as mais indígenas das festas populares ainda que conhecida e valorizada nesse contexto, sendo uma mistura de tradições européias e indígenas. Segundo Prezia (2020) os santos comemorados em junho trazem marcas não só das culturas ibéricas, como também apresentam traços dos povos tupis, com os quais os portugueses conviveram por muito tempo e incorporaram hábitos e modos alimentares como as comidas feitas com milho, como mungunzá ou canjica.

Trajes de quadrilhas

Os trajes de quadrilha são os elementos visuais mais apreciados numa apresentação de quadrilhas. Comunicam uma mensagem, contam uma história, e são uma das partes mais importantes da apresentação de uma quadrilha. Carregam características que ajudam a definir uma quadrilha, seja pelos símbolos que carregam, ou o luxo que ostentam. A criação de um traje de quadrilha envolve diversas etapas e complexidades, e inicia-se com a definição de um tema, escolhido através de pesquisas dos figurinistas e equipes de figurinos. O traje dos brincantes relacionam-se além do tema, com outros elementos como a cenografia da quadrilha e com as coreografias. Os trajes de quadrilha tornam-se trajes de cena a partir do momento em que são os elementos mais apreciados pela platéia, tornando-se testemunho de uma representação teatral (VIANA, 2017, p.136). Assim como no teatro, os trajes dos brincantes de quadrilhas são sua segunda pele, e transmitem várias características dos



personagens que representam, desenvolvendo estéticas que ficaram marcantes nas últimas décadas, e que sofreram grandes mudanças.

Referências Indígenas nos trajes de quadrilhas

Muitas quadrilhas trabalham com temas indígenas em suas apresentações. A inserção dessa temática se dá na maioria das vezes, com a proximidade com essa cultura em regiões onde a presença indígena é mais forte, mas isso não significa que outras não o façam. Através do folclore, entendido como cultura popular (Menezes e Ribeiro, 2015, p.117), temos esses resgates nas quadrilhas. Em 2017, o grupo junino Cheiro de Terra, de Horizonte, Ceará, mostrou a contribuição que os indígenas tiveram na descoberta e nas primeiras utilizações do cipó. Nas figuras 1 e 2, vemos cenas da apresentação da quadrilha, que segundo depoimento de Erison Santos, marcador da quadrilha, foi construído por todo o grupo, não tendo sido criação de um figurinista. Foi uma criação coletiva.

Figuras 1e 2 : Apresentação da quadrilha Cheiro de Terra em 2017.



Fonte: facebook.com/quadrilhacheirodeterra

Observamos nos trajes indígenas na figura 1 o uso de cipós nas saias e cocares das brincantes, com exceção da figura feminina ao centro, que exibe um cocar de penas brancas. O cocar, um adorno usado por muitas etnias indígenas brasileiras na região da cabeça,

dependendo da etnia, é um dos ornamentos mais tradicionais usados pelos indígenas. Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o uso de cocar é exclusivo para os homens em algumas tribos. O portal FUNAI traz uma informação interessante:

Para os indígenas da etnia Fulni-ô, do estado de Pernambuco, o cocar é a conexão do guerreiro com o grande espírito e deve ser utilizado somente pelos homens. Por ser considerado um cocar pessoal, pode ser dado como presente apenas para alguém querido. Para os Fulni-ô, quem ganha um cocar deve cuidar muito bem dele, por ser parte da identidade das comunidades indígenas (Portal FUNAI, 2023)

Na figura 2 vemos a apresentação de um destaque na mesma quadrilha: o cacique da tribo. Vemos na imagem o uso de cocar de penas brancas e marrons, um tapa-sexo e adereços nas pernas e coxas. Sobre um macacão segunda pele, vemos a representação de um corpo pintado com pinturas étnicas. Sobre as pinturas corporais, o portal FUNAI (2023) explica:

Por meio das pinturas corporais, os indígenas carregam no corpo e no rosto a identidade cultural de sua comunidade. As pinturas são as marcas de muitas populações e são diferentes para cada ocasião. Feitas normalmente de elementos naturais, como urucum e jenipapo, as tinturas podem se manter na pele por dias. Cada traço possui um significado característico. O conceito depende de cada etnia, sendo que uma mesma pintura pode ter sentidos variados de acordo com a comunidade e circunstância. Existem desenhos que demonstram sentimentos, desde os mais felizes até os de revolta e indignação pelos problemas enfrentados nas aldeias. Muitas vezes significam também luto, tristeza e passagem. Outra característica representada pela arte corporal indígena são as peles de animais como jabutis, cobras, entre outros. O ato de se pintar ritualmente é, ainda, uma forma de expressar os valores da cultura de uma etnia. Além da relevância estética, as pinturas traduzem usos, costumes, saberes e tradições ancestrais, obedecendo a preceitos simbólicos e ritualísticos passados de geração em geração (Portal Funai, 2023)

Um detalhe importante no uso de cocar, que é permitido somente aos indígenas, pela sua cultura, o uso de artefatos com fragmentos de animais, apesar de em grande parte das aldeias o material ser produzido com penas de galos, galinhas, pavões, patos domésticos e ossos de bovinos, com coloração artificial.

Em 2018, a quadrilha cearense Paixão Nordestina, composta de 66 duplas de quadrilheiros além dos destaques (rainha, marcador e casal de noivos) apresentou o tema “Telas Vivas”, representando a história da indígena Iracema, do português Martin Soares Moreno, e a guerra entre os indígenas potiguaras e tabajaras, personagens da obra Iracema, de José de Alencar. Na figura 3 observamos o primeiro traje da rainha Mara Alexandre, caracterizada de Iracema, com uso de peruca. A indígena é representada com um figurino estilizado com penas cobrindo um biquíni. O sutiã foi confeccionado com uma cuia de côco. Nos braços e tornozelos reparamos adereços com penas.

Figura 3: Mara Alexandre caracterizada de Iracema



Figura 4: Iracema carregada por indígenas.



Fonte: Instagram maraalexandre_oficial

Na figura 4, observamos uma coreografia com a rainha caracterizada de Iracema e indígenas de toráx nu, vestindo figurinos estilizados com saiotos de cipós e penas brancas, além de cocares sobre a cabeça e adornos com penas nos braços e tornozelos.

Figuras 5 e 6: Últimos trajes da rainha caracterizada como Iracema.



Fonte: Instagram maraalexandre_oficial

Nos últimos trajes trajes como Iracema, observa-se a desenvoltura de Mara Alexandre como Rainha interpretando Iracema. Na figura 5, Mara veste saia estilizada com penas de tecido, bastante volumosa, caracaraterística das saias femininas nas quadrilhas juninas estilizadas. Usa também um tapa seios/sutiã feito com casca de côco, além de um enorme cocar colorido onde destacam-se penas vermelhas. Destacam-se ainda os acessórios dos braços e pulsos com contas e penas.

No seu figurino mais luxuoso como Iracema, visto na figura 6, Mara traja um vestido de mangas compridas, com corpo em tecido segunda pele, bordado com motivos indígenas imitando pinturas corporais, saia com penas estilizadas e cocar.

Considerações Finais

As representações indígenas nos trajes de quadrilhas não são fieis, em muitos casos, as representações indígenas ancestrais, mas quando apresentados através dos trajes, são os elementos mais apreciados pelas platéias nas apresentações de quadrilhas.

A beleza dos indígenas é mostrada através dos corpos nas quadrilhas, nunca nus, mas com figurinos estilizados. Os cabelos negros são representações da bela feminina, podendo

ser usadas perucas. Outro elemento muito comum nas representações indígenas são as pinturas corporais, podendo estas ser apresentadas como bordados em figurinos com tecidos segunda pele. O uso de penas de aves silvestres, muito comum nos cocares e adereços, é proibido, podendo ser vistas representações estilizadas confeccionadas em tecidos ou artificiais das mesmas.

Este trabalho, apesar de não explorar todas as regiões do Brasil e a limitar-se à quadrilhas cearenses, procura mostrar um campo rico que pode ser mais explorado em pesquisas futuras.

Referências

BARROSO, Hayeska Costa. **Mercadores da Tradição: os usos da tradição nas quadrilhas juninas do Ceará.** Revista Políticas Públicas & Cidades-2359-1552, v. 1, n. 3, p. 42-63-42-63, 2015.

MENESES, V. D. Reelaboração e Invenção nas quadrilhas juninas no Tocantins. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 13, n. 30, p. 116-134, 2016. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18981>. Acesso em: 17 set. 2023.

PORTAL FUNAI. Disponível em:

<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/simbolos-uso-do-cocar-reune-diferentes-significados-para-os-indigenas#:~:text=Segundo%20as%20cren%C3%A7as%20da%20etnia,dos%20caminhos%20do%20homem%20ind%C3%ADgena>. Acesso em 12 Set, 2023.

PREZIA, Benedito. **As raízes indígenas das festas juninas.** COMUNIDADE ECLESIAL, p. 30.

Disponível em:

https://www.vidapastoral.com.br/wp-content/uploads/2020/04/VP-333_site_final.pdf#page=32. Acesso em 05 JAN 2023.

VIANA, F. (2017). **O traje de cena como documento.** *Sala Preta*, 17(2), 130-150. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v17i2p130-150>



17  fórum das
escolas de moda

9º CONGRESSO DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

ola@grandesite.com.br

ZARATIM, Samuel Ribeiro. **INTERAÇÃO E PERFORMATIVIDADE NAS FESTAS JUNINAS**. Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, v. 28, n. 3, p. 372-384, 2018.